



O USO DO ROMANCE “NADA DE NOVO NO FRONT” COMO EIXO INTEGRADOR NAS AULAS DE HISTÓRIA NAS AULAS DE HISTÓRIA.

Tereza Faustino de Brito – UTFPR- email: terebritopinho@hotmail.com
Janete Santa Maria Ribeiro – UTFPR – email Janetesantamaria@gmail.com

Linha de Pesquisa: Educação – métodos e técnicas de ensino.

RESUMO

Atualmente discute-se muito sobre o tema ensino de história, pois se torna cada vez mais difícil atrair o aluno para esta prática. A disciplina de história inúmeras vezes é relegada a um ensino desconectado da realidade dos estudantes, e por isso, vista como uma matéria “morta” em meio ao efervescente mundo moderno. Portanto, faz-se necessário a interdisciplinaridade entre história e literatura na escola para que possa contribuir para modificar o quadro no qual o ensino de história está inserido; em razão disso, o presente artigo analisa como o professor poderá trabalhar um fato histórico, necessário à aprendizagem, que é a primeira guerra mundial, a luz do romance “ Nada de novo no Front”, do alemão Erich Maria Remarque homem que esteve na guerra ainda jovem e viu suas idealizações bélicas tornarem-se pó em meio ao caos sangrento, uma interessante visão da Alemanha durante o primeiro

Palavras chave: Ensino de história, Literatura, interdisciplinaridade

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por finalidade discutir as relações existentes entre história e literatura, **Busca-se** uma forma de aproximação entre elas que venha contribuir para a produção do conhecimento histórico e para a compreensão em sala de aula. Com intuito de refletir sobre a visão de que o ensino de história é ainda sentida como senso comum e ainda é considerada sobre o viés tradicional da disciplina. É um dos agentes motivadores desta prática e o fato do ensino de história estar conceituado apenas a forma cientificista e de não romper definitivamente com hábitos tradicionais. E através da

interdisciplinaridade entre história e literatura se é possível haver uma mudança considerável no que tange o ensino de história, pois através desta prática é possível a abertura de um leque de possibilidades e o conhecimento mais amplo.

Em muitas ocasiões o romancista tem como objetivo o mesmo que dos historiadores, sendo a reflexão sobre os seres humanos, sua vida e seus valores, seus sentimentos e principalmente suas ações, embora haja entre literatura e historiografia um conceito peculiar de encontrar fatos históricos ambos estão ligados pela ação do homem no tempo e espaço. É fato que essas práticas nos levam a várias questões teóricas e conceituais que transitam entre historiografia e o ensino de história, há sim as diferenças entre ficção, ciência e arte e invenção, que vem carregada na literatura e isso faz parte de uma forma específica de ver o mundo que por muito tempo impregnada na visão acadêmica.

Este trabalho traz à luz da reflexão um conhecimento considerado científico de que é possível repensar a história e a literatura a partir de uma maneira mais ampla de pensar o conhecimento. Também será discutido como a escola vem transportando conceitos desenvolvidos pelas ciências sem agir criticamente sobre ele e porque seria possível melhorar a educação através da interdisciplinaridade. Um exemplo foi utilizado para a elucidação da proposta sendo amplamente desenvolvido diz respeito ao livro de Erick Maria Remarque “Nada de novo no Front”, um romance sobre a primeira guerra mundial contada por alguém que foi testemunha ocular deste grande fato da humanidade e mostrar como é possível o uso da literatura para a compreensão deste momento histórico vivido pela humanidade desta época, fazendo uso da interdisciplinaridade em sala de aula.

Nossa artilharia está no fim...tem pouca munição..e os canos estão gastos que os tiros não são certos e atingem nossos próprios soldados.Temos poucos cavalos, nossas tropas compõem-se de rapazes anêmicos, que precisam de cuidados, que não conseguem nem carregar mochilas, mas que sabem simplesmente morrer aos milhares.Na conhecem de guerra,a penas avançam e deixam-se derrubar.Um único avião divertiu-se exterminando duas companhias de recrutas como estes, quando acabavam de sair do trem, antes mesmo de terem ouvido falar em abrigo!-A Alemanha deve ficar vazia em breve diz Kat. (p212)

O trecho acima é uma reflexão de Paul sobre a inferioridade do exército alemão em meados da Primeira Grande Guerra mundial.

Se há romances com conteúdo histórico tão abundante, porque não usá-los em sala de aula em disciplinas diferentes como a História, por exemplo, (interrogação). Unir a literatura à História sem retirar do texto original as características literárias de obra de arte, é o que leva este trabalho a ser desenvolvido, pois o professor deve usar da interdisciplinaridade a seu favor no trabalho com a disciplina de História.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

"Nada de novo no front", publicado em formato de livro no ano de 1929, é considerado por muitos críticos o maior romance pacifista do século XX. As colocações que o jovem desiludido Paul faz sobre a vida no front de batalhas, leva mesmo a esta conclusão. Cada sofrimento, cada agonia, cada ameaça de morte a ele ou a um dos companheiros, faz com que o leitor considere a guerra através do olhar de um soldado, homem que vive de uma forma significativa as conseqüências do campo de batalhas.(Remarque, Nada de Novo no front,pag.02)

Sendo o romance já citado uma obra em parte biográfica, sua importância para a humanidade vai além dos aspectos formais literários. É o testemunho minucioso que se sobrepõe aos textos oferecidos pelos livros didáticos, por exemplo.

Os personagens ficcionais são retirados das experiências e contato vivido por Erich Maria Remarque que, aos poucos constata a ineficiência da guerra para o alcance de objetivos propostos por homens que não vão ao campo de batalhas, portanto, vivem a guerra num ambiente a parte, sem perceber a dor de cada perda ou de cada tiro lançado sobre o inimigo que, segundo o protagonista Paul, tem tantas razões quanto eles para lutar, pois também sofreram da mesma idealização bélica que ele.

Mas, ao contrário do que se pode acreditar, o leitor não tem através da leitura uma visão romântica anti-belica, aspectos históricos importantes são mostrados através das reflexões do jovem soldado.

Roger Chartier, um especialista em história e cultura, há no Brasil várias obras, mas também o livro *Historia e História cultural* de Sandra Pesavento, uma historiadora que muito contribuiu para a historiografia, no sentido de uma nova escola, a existência da ruptura com o método tradicional, trazendo a luz discussões sobre a contribuição da literatura na historiografia.

E o livro “*Nada de Novo no Front*”, de Erick Maria Remarque, um escritor conceituadíssimo na Inglaterra, onde seu livro é leitura obrigatória servindo como base quando o assunto é a primeira Guerra Mundial.

Anteriormente, uma distinção ortográfica entre história (realidade) e estória (ficção), proveniente da forma como são escritas em inglês: “history” e “story”.

Os historiadores sabem bem hoje em dia que também são produtores de textos. A escritura da história, mesmo a mais quantitativa, mesmo a mais estrutural, pertence ao gênero. Da narrativa, com o qual compartilha as categorias fundamentais. Narrativas de ficção e narrativas de história têm em comum uma mesma maneira de fazer agir seus ‘personagens’, uma mesma maneira de construir a temporalidade, uma mesma concepção de causalidade. Essas constatações tornaram-se clássicas pelas obras de Michel de Certeau e de Paul Ricoeur. Eles lembram, de início, que considerando a dependência fundamental de toda a história, qualquer que seja, em relação às técnicas da *mise en intrigue*, o repúdio da história factual não significou absolutamente o abandono da narrativa. O que é uma boa maneira de dizer que os historiadores, assim como os outros, nem sempre fazem o que pensam fazer e que as rupturas orgulhosamente reivindicadas mascaram com frequência continuidades ignoradas. Chartier (2002: 14).

Através destas reflexões de Chartier, surge aos estudiosos uma pergunta: Poderia a Literatura ser usada nas aulas de História?

A leitura de obras como “*Nada de Novo no Front*” pode servir de fonte histórica para os estudiosos da Primeira Guerra Mundial, pois torna vivo o conflito não apenas baseado nos discursos de historiadores em livros didáticos, mas sim, no testemunho de um participante deste evento bélico, que esteve na frente de batalhas, lugar onde o conflito se concretiza não apenas de forma burocrática, mas onde se manifestam questões pertinentes como a constância

da morte, a decepção dos jovens soldados, a violência degenerada que ceifa vidas. Pesavento afirma que:

A Literatura permite o acesso à sintonia fina ou ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiavam seus passos, quais os preconceitos, medos e sonhos. Ela dá a ver sensibilidades, perfis, valores, Ela representa o real, ela é fonte privilegiada para a leitura do imaginário. [...] Para além das disposições legais ou de códigos de etiquetas de uma sociedade, é a literatura que fornece os indícios para pensar como e porque as pessoas agiam desta e daquela forma.

O Romance de Erich Maria Remarque representa não apenas o testemunho pessoal de um jovem desolado porque viu suas ilusões bélicas se desfazerem, mas representa uma visão histórica realista do conflito, pois ele se isenta de nacionalismo (um crime horrendo na Alemanha pré-nazista) e fornece ao leitor informações acerca da inferioridade do exército alemão, das más condições de vida dos soldados e de uma possível derrota por causas justas.

A narrativa histórica apresenta um elemento de controle do seu potencial ficcional não apenas através da documentação que serve de base ao trabalho do historiador, mas também através do leitor que permite que a História retorne ao vivido. Segundo Chartier:

Reconhecer que a realidade passada não é acessível (na maioria das vezes) senão através de textos que pretendiam organizá-las, submetê-las ou representá-la não é postular, contudo, a identidade entre duas lógicas: de um lado, a lógica logocêntrica hermenêutica que governa a produção dos discursos; de outro, a lógica prática que regula as condutas e acusações. Dessa irreduzibilidade da experiência ao discurso toda história deve dar conta, precavendo-se de um uso descontrolado da categoria "texto", demasiadas vezes indevidamente aplicada a práticas (ordinárias ou ritualizadas), cujas práticas e procedimentos não são em nada semelhantes às estratégias discursivas (CHARTIER, 2002, p.91).

Desta forma, faz-se necessário deixar com que o relatório de Erich Maria Remarque sobre a Primeira Guerra Mundial não fique reservado apenas para poucos, mas que se estabeleça como fonte de pesquisa histórica nas salas de aula, pois sua prática discursiva possibilita ao estudante que se aproprie das situações vividas pelo protagonista do romance, o jovem alemão

Paul, para que, nesta perspectiva, tenha mais uma possibilidade de reflexão sobre este grande evento histórico.

2.1 Livro didático como referencial teórico

Na educação brasileira é comum o trabalho dos professores e alunos com o livro didático. Sendo a disciplina de História muito extensa, os livros são utilizados para a leitura de grandes textos, fotografias, além de atividades propostas.

Mas será o livro didático completo o bastante para servir como único meio de informação histórica? Muitos estudiosos se dedicam a analisar o uso dele em sala de aula, vistoriando seus defeitos e qualidades quanto ao conteúdo e ao aproveitamento de ensino.

Segundo a Barca:

O ensino de História constitui-se hoje como um fértil campo de investigação, sendo objeto de pesquisa sob diversos ângulos que integram quer perspectivas diacrônicas quer análise de problemáticas atuais do ensino específico. É dentro desta segunda perspectiva que a investigação sobre cognição ensino de história freqüentemente denominada investigação em educação Histórica tem-se desenvolvido com pujança em vários países (...) nestes estudos, os investigadores têm centrado sua atenção nos princípios, fontes, tipologias e estratégias de aprendizagem em História (...) (BARCA, 2005, p. 15).

Os livros didáticos de História apresentam, em sua maioria, bons textos selecionados a partir do currículo existente em nosso país, no qual estão contidos os conteúdos que cada aluno, em cada série escolar, precisa aprender para ser promovido no fim do ano.

Mas a partir do interesse pelo tema deste artigo, fez-se necessário analisá-lo sob outra visão; as atividades que ele propõe em relação à Literatura, são mesmo proveitosas ou apenas servem como dica para uma futura leitura se o aluno desejar saber mais sobre o tema proposto?

Cooper (2006), pesquisadora que se dedica a investigar como as crianças aprendem História, diz que:

Se quisermos ajudar nossos alunos a se relacionarem ativamente com o passado, precisam os encontrar formas de ensiná-los, desde o começo, que iniciem o processo com eles

e seus interesses, que envolvam uma “aprendizagem ativa” e pensamento histórico genuíno, mesmo que embrionário, de maneira crescentemente complexa.(p.174)

Observando dois livros utilizados para o trabalho com o Ensino Médio , nota-se que o romance “Nada de Novo no Front” é citado quando o tema é a Primeira Guerra Mundial. Nos livros “Coleção

“História sempre presente” de Antonio Pedro Lizânias de Souza Lima, tem o romance tratado de forma muito pouco consistente, de modo superficial, onde fala do Autor Erik Maria Remarque, em forma de documento literário, onde cita partes do livro de forma simples, fazendo menção há ao autor a obra, esse que foi para guerra aos 18 anos, e escreveu a obra Nada de novo no Front e que também teve sua obra publicada no Brasil em forma de quadrinhos. Posta de atividades um questionário sobre o autor e também sobre a primeira guerra. (Lima, Antônio Pedro Lisânias de Souza,p.27)

No livro didático acima onde cita o romance “Nada de Novo no Front” não serve como fonte histórica na atividade proposta, pois tem uma apresentação muito vaga, o que não leva os alunos a se interessarem pela obra e muito menos por seu autor e seu testemunho ocular da Guerra.

Simples questões interpretativas que podem ser retiradas de um pequeno fragmento adaptado da obra de Erich Maria Remarque, transformam seu romance num pequeno pano de fundo para textos já lidos no livro didático.

Desta forma, a interdisciplinaridade fica restrita a uma leitura fragmentada de adaptação para os quadrinhos de uma obra rica composta pelo testemunho fiel de um participante do grande conflito a ser estudado.

No universo amplo dos bens culturais, a expressão literária pode ser tomada como uma forma de representação social e histórica, sendo testemunha excepcional de uma época, pois um produto sociocultural, um fato estético e histórico, que representa as experiências humanas, os hábitos, as atitudes, os sentimentos, as criações, os pensamentos, as práticas, as inquietações, as expectativas, as esperanças, os sonhos e as questões diversas que movimentam e circulam em cada sociedade e tempo histórico.

A literatura registra e expressa aspectos múltiplos do complexo, diversificado e conflituoso campo social no qual insere sobre o qual se refere.

Ela é constituída a partir do mundo social e cultural e, também, constituinte deste; é testemunha efetuada pelo filtro de um olhar, de uma percepção e leitura da realidade, sendo inscrição, instrumento e proposição de caminhos, de projetos, de valores, de regras, de atitudes, de formas de sentir...

Enquanto tal é registro leitura, interpretação, do que existe e proposição do que pode existir, e aponta a historicidade das experiências de invenção e construção de uma sociedade com todo seu aparato mental e simbólico.

Uma história da literatura é, pois, uma história das diferentes modalidades da apropriação dos textos. Ela deve considerar que o 'mundo do texto', usando os termos de Ricoeur, é um mundo de objetos e de *performances* cujos dispositivos e regras permitem e restringem a produção do sentido. Deve considerar paralelamente que 'o mundo do leitor' é sempre aquele da 'comunidade de interpretação' (segundo expressão de Stanley Fish) à qual ele pertence e que é definida por um mesmo conjunto de competências, de normas, de usos e de interesses. O porquê da necessidade de uma dupla atenção: à materialidade dos textos, à corporalidade dos leitores (CHARTIER, 2002, p. 255,257).

O romance "Nada de Novo no Front" pode, então, ser melhor aproveitado se o professor propuser sua leitura completa e uma discussão entre os alunos, que propicie duas visões: a dos textos didáticos e a dos textos literários. É necessário observar a obra literária não apenas como documento histórico, mas também analisar suas características estéticas e literárias, pois ela é, acima de tudo, parte da Arte, não necessitando de seguir manuais e ser isenta de emoções como os textos encontrados nos livros didáticos de História.

Para Chalhoub e Pereira (1998, p.7),

a proposta é historicizar a obra literária – seja ela conto, crônica, poesia ou romance -inseri-la no movimento da sociedade, investigar as suas redes de interlocução social, destrinchar não a sua suposta autonomia em relação à sociedade, mas sim a forma como constrói ou representa a sua relação com a realidade social – algo que faz mesmo ao negar fazê-lo

Os alunos têm que ser esclarecidos sobre a origem do texto literário que vão ler. Saber que a obra, publicada pela primeira vez como um folheto semanal na Alemanha, é baseada na experiência e nos traumas do autor como combatente no conflito – os esboços iniciais do romance, inclusive, eram suas próprias anotações e devaneios sobre as memórias do que viveu.

Como seria de esperar, a guerra é mostrada de forma bastante crua e humanizada, sem qualquer tipo de romantismo. Os soldados são adolescentes neuróticos que perdem a juventude em meio às trincheiras, as batalhas são sufocantes e sujas, e o dia-a-dia no *front* por vezes se perde em uma rotina de indiferença e até tédio. O estilo incomoda um pouco no início – a narração em primeira pessoa no tempo presente, repleta de devaneios e divagações, é um pouco estranha, pelo menos para quem não está com romances em fluxo de consciência -, mas é simples e eficiente, e funciona bem com a proposta do livro; o resultado é uma prosa comovente e até um tanto assustadora.

3. ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA

Nenhuma disciplina caminha sozinha neste mundo globalizado. A reorganização curricular determinada em áreas de conhecimento, estruturada pelos princípios pedagógicos da interdisciplinaridade, da contextualização da identidade, da diversidade e autonomia, vai redefinir uma relação entre os sistemas de ensino e as escolas. Essa proposta proporciona uma influência mútua entre as áreas curriculares e facilita o desenvolvimento dos conteúdos, numa perspectiva de interdisciplinaridade e contextualização.

A organização disciplinar foi instituída no século XIX, notadamente com a formação das universidades modernas; desenvolveu-se, depois, no século XX, com o impulso dado à pesquisa científica; isto significa que as disciplinas têm uma história: nascimento, institucionalização, evolução, esgotamento, etc.; essa história está inscrita na da Universidade, que, por sua vez, está inscrita na história da sociedade; MORIN (2002 , p. 105)

Para JAPIASSU (1976, p.74): “A interdisciplinaridade caracteriza-se pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de interação real das disciplinas no interior de um mesmo projeto de pesquisa”.

A interdisciplinaridade supõe um eixo integrador com as disciplinas do currículo, a fim de que os alunos a olhar sob diversos prismas um mesmo assunto. Se o objetivo da escola é formar cidadãos participativos na vida social e atuantes no mundo em que vivem, a vivência global tem que fazer parte do cotidiano do aluno e do professor. Sendo assim:

“O valor e a aplicabilidade da Interdisciplinaridade, portanto, podem-se verificar tanto na formação geral, profissional, de pesquisadores, como meio de superar a dicotomia ensino-pesquisa e como forma de permitir uma educação permanente”. FAZENDA (1992, p.49)

A educação permanente é aquela que permite aos alunos formarem seus próprios conceitos, mesmo que para isso tenham que conhecer vários escritores.

Como falar de um romance que se passa durante a Primeira Guerra Mundial sem falar nos acontecimentos históricos que marcaram o grande conflito? E como falar do grande conflito sem citar um romance no qual o personagem protagonista narra acontecimentos vindos das experiências do próprio autor? Narrativas ficcionais muitas vezes se apropriam do discurso histórico e trazem a tona questionamentos muito pertinentes à historiografia.

O conhecimento fragmentado da História, que nos apresenta o livro didático, não deve ser a única fonte utilizada pelo professor de História em sala de aula, pois resumir um acontecimento de suma importância como foi a Primeira Guerra Mundial a algumas páginas de leitura objetiva, não garante ao aluno suporte necessário para olhar o mesmo tema sob outros prismas.

Desde a Antiguidade já existia uma diferenciação entre o que era história e o que era literatura (embora esta palavra ainda não existisse). A diferença não acontecia em termos da forma do texto, já que as duas se constituíam em *narrativas*. A diferença era/é que uma se propunha a contar uma história verdadeira e a outra uma história inventada, além de cumprirem funções sociais diferentes.

Segundo Aristóteles:

Não é em metrificar ou não que diferem o historiador e o poeta; a obra de Heródoto podia ser metrificada; não seria menos uma história com o metro do que sem ele; a diferença está em que um narra acontecimentos e o outro, fatos que podiam acontecer. Por isso, a Poesia encerra mais filosofia e elevação do que a História; aquela enuncia verdades gerais; esta relata fatos particulares. Enunciar verdades gerais é dizer que espécies de coisas um individuo vem a dizer ou fazer verossímil ou necessariamente; a isso visa a Poesia, ainda quando nomeia personagens. Relatar fatos particulares é contar o que Alcibíades fez ou o que fizeram a ele.

Baseando-se nas palavras de Aristóteles, podemos afirmar que, o romance histórico, diferindo-se como gênero literário da poesia, apresenta um personagem fictício que vive de forma individualista as verdades gerais da história. O personagem Paul, protagonista do romance “Nada de Novo no Front”, faz sua análise particular da guerra, contanto, não deixa de ver o conflito como acontecimento geral, marcante para o mundo.

Se o livro didático mostrará a Primeira Guerra Mundial como um relato político e histórico, o romance o narrará como acontecimento humano, político e histórico, pois, ao invés de dados estatísticos, teremos narradas cada morte dos amigos de Paul e os seus próprios sofrimentos físicos e mentais. Também é necessário observar que proporcionar aos alunos a boa leitura de grandes obras literárias, faz com que ele se desenvolva como ser humano, isso é muito importante numa fase da vida cerca da por dúvidas e descobertas.

Para Calvino (1993) “De fato, as leituras na juventude podem ser pouco profícuas pela impaciência, distração, inexperiência da vida. Podem ser ao mesmo tempo formativas no sentido que dão uma forma às experiências futuras, fornecendo modelos recipientes, termos de comparação, esquemas de classificação, escalas de valores, paradigmas de beleza: todas as coisas que continuam a valer mesmo que nos recordemos pouco ou nada do livro lido na juventude. Relendo o livro na idade madura, acontece reencontrar aquelas constantes que já fazem parte de nossos mecanismos interiores e cuja origem havíamos esquecido.”

Para Ítalo Calvino, a escola deve fazer com que o aluno conheça bem ou mal certo número de clássicos. Mas o que acontece no dia-a-dia da escola brasileira é que a divisão disciplinar atual não permite tempo suficiente para que isso seja possível na aula de literatura. Dessa forma, a integração dos conteúdos, ou apenas a interdisciplinaridade das aulas de história e literatura, e, por que não, de português, geografia e filosofia, contribuiriam para mudar esse quadro.

Utilizar obras literárias como “documentos” permitiria que os alunos agissem como historiadores, investigando o passado através da literatura. Se o escritor literário está criticando a sociedade em que vive ou contribuindo para a

perpetuação dos valores da mesma, caberá ao educando e aos educadores descobrir.

Os romances historicamente contextualizados (romances históricos) podem possibilitar uma reflexão geral sobre a sociedade e as atitudes humanas, como no romance de Erich Maria Remarque analisado neste projeto. Nele, o modo de agir dos soldados, a fragilidade deles perante as mortes que cometem, o medo de não voltar para a casa, a busca pelo sexo durante os tempos de guerra, são visíveis ao leitor, que poderá ter outra visão do ser humano que faz a guerra em si, participando ativamente do campo de batalhas. Se por muito tempo História e Literatura estiveram distanciadas pelo caráter científico que a primeira adquiriu, o ensino contextualizado proposto pela educação moderna aproximou novamente estas vertentes do conhecimento.

Partindo para a prática, apresenta-se aqui, um esboço de uma atividade prática no tratamento do tema.

É interessante propor uma atividade para os alunos relacionada ao uso do romance “Nada de Novo no Front” de acordo com o conteúdo relacionado à Primeira Guerra Mundial.

Como a intenção deste estudo não é retirar o livro didático da sala de aula, mas sim, melhorar o trabalho com ele, acrescentando textos diferentes a sua leitura, os alunos devem fazer a leitura do capítulo do livro didático que reflete sobre a Primeira Guerra Mundial.

Após a leitura, é interessante que o professor inicie um debate com eles, dividindo a sala em grupos para que cheguem a um consenso sobre questões pertinentes ao conflito. Através da oralidade, eles vão expressar o resultado desta leitura e discussão em grupos.

O debate é uma forma muito produtiva de fazer com que os alunos reflitam sobre os temas estudados, pois há evidências que o gênero debate em sala de aula de escola fundamental é constante, onde as trocas orais entre alunos, agrupados ou individualmente formando um grande círculo, fazem parte do seu cotidiano.

Depois do debate, o professor deve propor a leitura do romance “Nada de Novo no Front”, do alemão Erich Maria Remarque. Antes dos alunos

iniciarem a leitura, podem estudar a biografia do escritor Erich Maria Remarque, já que esta é importante na composição do romance.

Após a leitura do romance, é importante que se faça um seminário, nele, o professor pode expor algumas características do romance relacionando-as ao caráter histórico que lhe é conferido.

Assim, o professor faz a ligação entre o romance e o livro didático, mas garante aos alunos uma leitura a mais, que lhes proporciona uma visão diferente, fazendo com que eles reflitam sobre pontos importantes do conteúdo estudado.

Com a visão ampliada pela alternativa da leitura do romance, os alunos opinam sobre a experiência de ler um romance e as diferenças e semelhanças entre a leitura deste e a do livro didático.

No final, os alunos podem fazer um relatório escrito sobre o que aprenderam sobre a Primeira Guerra Mundial, além de estarem preparados para fazer outras atividades formais propostas pelo professor.

O mais importante é que eles terão a visão ampliada e poderão ser mais críticos através de uma leitura diferente da que estão acostumados.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os textos literários podem auxiliar na compreensão de temas históricos sem, com isso, perder seu caráter artístico. Romances como *Nada de novo no front* escritos com base em relatos e experiências verdadeiras podem se tornar parte do processo de ensino-aprendizagem durante as aulas de história, pois diferem dos textos acadêmicos que mantêm o leitor como mero receptor dos fatos relatados.

História e literatura por muito tempo esteve distanciadas, como se falassem sobre assuntos diferentes em línguas distintas. Realmente, com o passar do tempo a linguagem literária e historiográfica, foram se diferenciando principalmente porque a disciplina histórica acreditava que a forma “científica” do texto poderia levá-la até a verdade. Sabemos hoje em dia que a escrita científicista e acadêmica é tão vulnerável quanto qualquer outra, pois se

constitui em linguagem e, assim sendo, está necessariamente impregnada em linguagens de representações culturais.

Não se defende aqui a ideia de que todo o ensino de história deve fazer uso da ficção. Pois para produzir conhecimento nunca devemos nos limitar a um formato específico. O objetivo deste trabalho foi evidenciar em relação a leitura de obras literárias suas contribuições para o ensino de história em sala de aula, promovendo a identificação de pessoas do presente com pessoas do passado, gerando o entendimento e a reflexão sobre processos históricos. Para que isso possa ser colocado em prática é necessário uma ruptura com as barreiras impostas pelo cientificismo e pela atual divisão disciplinar. É importante deixar claro, porém, que há muitas outras formas de se qualificar o ensino de história. Trabalhar com obras literárias seria apenas uma dessas formas, que se torna interessante pelo fato de fazer os estudantes lerem mais, desenvolvendo neles determinadas habilidades, como a escrita, a interpretação e a crítica. Desenvolveria ao mesmo tempo o gosto dos estudantes pela leitura, o que é de extrema importância para o exercício da cidadania nos dias de hoje.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES, **A Poética Clássica**. 7ªed. São Paulo: Cultrix, 1987.

BARCA, Isabel, GAGO, Marília. **Aprender a pensar em História**: Um estudo com alunos do 6º ano de escolaridade. Revista portuguesa de educação. 2005. p.239- 261.

Educação histórica: **uma nova área de investigação?** In: ARIAS NETO, José Miguel. **Dez anos de pesquisas em ensino de História**. Londrina: AtritoArt, 2005.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de M. Apresentação. In: CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (org.) **A história contada: capítulos de História social da Literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 7-13.

COOPER, Hilary. **Aprendendo e ensinando sobre o passado a crianças de três a oito anos**. Educar em revista, Curitiba, PR, n. Especial, p. 171-190, 2006.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre Práticas e Representações**. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. **Debate Literatura e História**. In: *Topoi. Revista de História*. Rio de Janeiro, n. 1, 2000.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **O que é ideologia**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

FAZENDA, Ivani. **Integração e Interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro: Efetividade ou ideologia?** São Paulo: Loyola, 1992.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e Patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

MORIN. **A cabeça bem feita. Repensar a reforma repensar o pensamento**. 6 ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil Ltda, 2002.

Pedro, Antonio. **História sempre presente**. Antonio Pedro, Lizânias de Souza Lima. - 1. ed. - São Paulo: FTD, 2010. - (Coleção História sempre presente; v.3)

PESAVENTO, Sandra J. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004

REMARQUE Erich Maria. **Nada de novo no front/ tradução de Helen Rumjaneck.** Porto Alegre/L&PM, 2004.

VANOOSTHUYSE, M. **Le Roman historique: Mann, Brecht, Döblin.** Paris: Presses Universitaires de France, 1996.

<http://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria> acesso no dia 21 de abril de 2013.

<http://licrisdevaneiosliterarios.blogspot.com.br/2010/09/nada-de-novo-no-front-erich-maria.html> acesso no dia 21 de abril de 2013.